

## HETEROGENEIDADE E POLIFONIA NO DISCURSO ACADÊMICO

Ana Caline Carnieletto Dotto

### RESUMO<sup>®</sup>

Neste artigo, procuramos mostrar que, no discurso acadêmico, visto como objetivo e impessoal, as normas ditadas pela Academia abrem espaço para o aparecimento do sujeito. Através da análise de artigos acadêmicos, avaliaremos as formas de nomeação do sujeito para se apresentar no discurso acadêmico: **seguir** as normas da Academia e velar-se numa linguagem impessoal ou **subvertê-las** e fazer-se aparecer, mesmo que de uma maneira discreta. Assim, avaliaremos as marcas de heterogeneidade e polifonia no discurso acadêmico.

**PALAVRAS CHAVE:** sujeito, discurso acadêmico, heterogeneidade

### INTRODUÇÃO

Nossa proposta partiu da concepção comumente aceita de que o discurso acadêmico é tido como fechado e monológico, portanto, sem sujeito, ou então com um sujeito que se retira para dar lugar aos resultados que o conhecimento científico produz. A partir disso, chegamos à concepção de que o sujeito dialoga com seus pares e que nesse diálogo aparecem tanto recursos argumentativos e persuasivos, como o cumprimento das convenções ditas científicas.

Com o uso destes recursos, o sujeito desloca-se como centro do discurso, colocando-se junto ao tu-outro da Academia. Para que pudéssemos entender esse sujeito, seguimos um percurso teórico que passa pela Teoria Enunciativa de Benveniste para depois mostrar a heterogeneidade e a polifonia que constituem o sujeito e, em consequência, o seu discurso, sustentados no princípio bakhtiniano do dialogismo e na teoria polifônica da enunciação de Ducrot.

A linguagem específica do discurso científico, e por consequência, no artigo acadêmico, prevê “uma seqüência linear dos eventos, a tentativa de apagamento do enunciador que se distancia de seu enunciado” e que cria uma “ilusão de uma reprodução objetiva e imparcial do experimento”. (Coracini, 1991: p. 89). Ou seja, de qualquer forma, as normas pré-fixadas pela Academia direcionam a posição do sujeito que “deixa de ser um sujeito-para-si para ser um sujeito-para-os-objetos” (Santos, 1989: p.14), que nesse caso, pode ser a pesquisa, o trabalho, os resultados.

Essas regras de inserção e de aceitação de (novos) sujeitos impostas pelo círculo acadêmico possibilitam que o autor busque, através de recursos da língua, legitimar seu discurso através do discurso-outro, já autorizado, e permite que o sujeito, desta forma, também se insira neste ambiente institucionalizado. Frente às normas, o sujeito adota ou uma atitude de adesão ou uma atitude de resistência: quanto menos experiência tem a relatar, mais se apóia no discurso-outro, aderindo ao discurso instituído e nomeando-se no já-dito, velando-se nos recursos lingüísticos tais como *nós/se/passiva/modalizadores/discurso citado*. Ao contrário, quanto mais trabalhos anteriores já realizados e experiência na área de atuação, mais clara é a atitude de resistência do sujeito frente à norma.

No discurso científico, o distanciamento do autor do próprio texto o faz assumir um papel de observador distante do objeto observado, “como que provando, com sua ausência explícita, a ausência do sujeito-pesquisador na etapa de investigação científica. Entretanto, (...) ao mesmo tempo em que se ausentam, as instâncias enunciativas se revelam sub-replicitamente através dos mesmos recursos lingüísticos” (Coracini, 1991: 104).

Desta forma, temos, no discurso

científico, a expectativa de uma linguagem totalmente marcada pela objetividade, onde o sujeito cede seu lugar de enunciador da pesquisa aos resultados nela obtidos. Assim, quem fala nesse discurso é uma voz tomada pelas normas que, no entanto, não escondem o verdadeiro enunciador das palavras.

## 1 As marcas da heterogeneidade no discurso acadêmico

Para entendermos o discurso acadêmico como uma instância enunciativa, podemos compreendê-lo a partir de uma característica da enunciação que é a heterogeneidade. A heterogeneidade como um princípio constitutivo do discurso é estudada a partir de vários índices, podendo estar explícita ou não, porém apreendida no fio discursivo.

As marcas da heterogeneidade podem ser analisadas sobre várias perspectivas. Para Bakhtin, por exemplo, a heterogeneidade está vinculada ao princípio do dialogismo, em que o discurso é construído por palavras já “habitadas”, marcadas pela alteridade. Já Ducrot vincula a heterogeneidade ao princípio da polifonia, no qual o discurso é marcado pela superposição de vozes, orquestradas por um sujeito.

### 1.1 A heterogeneidade na perspectiva dialógica de Bakhtin

Entendemos dialogismo como a concepção do sentido do discurso e princípio constitutivo da linguagem. O dialogismo se dá entre o enunciador e o enunciatário do texto e a intertextualidade no interior do discurso. Assim, o sujeito do discurso passa a ser substituído por muitas vozes sociais, que o tornam um sujeito histórico e ideológico.

O texto, para Bakhtin, é constitutivamente dialógico, definido pelo diálogo entre interlocutores e pelo diálogo com outros textos na construção da significação. Com isso, em todo enunciado descobriremos as palavras do outro, ocultas ou semi-ocultas e com diferentes graus de alteridade.

O conceito de dialogismo é precisado teoricamente pelo conceito de heterogeneidade. A linguagem é intrinsecamente

heterogênea, o discurso é constituído a partir do discurso do outro, o já-dito sobre o qual o discurso se constrói. Portanto, todos os discursos são atravessados, habitados pelo discurso do outro. A palavra do outro é condição de constituição de qualquer discurso.

Para Bakhtin (2002: 145), o uso da voz do outro é considerado uma “relação ativa de uma enunciação a outra, e isso não somente no plano temático, mas através de construções estáveis da própria língua”. É o discurso do sujeito que se adapta à recepção do discurso do outro. E esse, por sua vez, ao assumir as rédeas do discurso, passa a primeiro plano e torna-se mais forte e mais ativo que o contexto narrativo que o enquadra.

Bakhtin (2002: 151) considera que, nessas condições, “o contexto narrativo começa a ser percebido – mesmo a reconhecer-se – como subjetivo, como fala de outra pessoa”.

Além disso, o que é importante ressaltar é que, no dizer de Bakhtin (2002: 153), “quanto mais forte for o sentimento de eminência hierárquica na enunciação de outrem, mais claramente definidas serão as suas fronteiras, e menos acessível será ela à penetração por tendências exteriores de réplica e comentário”.

### 1.2 A heterogeneidade na perspectiva polifônica de Ducrot

A Teoria polifônica de Ducrot parte do princípio de que em um mesmo enunciado estão presentes vários sujeitos. Assim, Ducrot encara o sujeito como múltiplo. E ele não deixa de ser, já que no discurso científico as vozes do “eu” e do outro se alternam.

Ducrot trata os enunciadores como as vozes de origem dos diferentes pontos de vista que se apresentam no enunciado; não são pessoas, mas pontos de vista abstratos. O locutor é quem organiza estas vozes e pode ser identificado com um destes enunciadores, mas, na maioria dos casos, mantém deles uma certa distância, evidenciando o caráter constitutivo da alteridade no discurso.

Podemos perceber que a teoria polifônica da enunciação permite que se

descole do sujeito, que quer mostrar-se homogêneo, os seus outros, portanto, o heterogêneo que, numa marca de alteridade, facilita a presença destes mesmos outros, com suas vozes, polêmicas ou não.

No discurso acadêmico o locutor coloca em cena posições, suas ou não, através de enunciadores (o tu-outro da Academia, o outro, o senso comum). Um discurso supostamente sem sujeito porque privilegia uma linguagem objetiva, que apaga o *eu* como responsável pelo enunciado, requerendo outras formas da língua (*nós/se/passiva/modalizadores*) para exercer sua função. Formas que usa para mascarar-se e que expressam o poder argumentativo do enunciado em que se inserem (Ducrot, 1988). Portanto, esta forma de discurso, socialmente aceita (pelos membros da Academia), é justamente um forte argumento de heterogeneidade mostrada, mesmo que implicitamente.

## 2 Análise do sujeito no discurso acadêmico

Como corpus de análise, utilizamos artigos resultantes de projetos de dissertação/tese, defendidos no Programa de Pós Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria, publicados na Revista Expressão do Centro de Artes e Letras desta mesma instituição. Todos os exemplos selecionados pertencem à área da lingüística. Nosso objetivo com esta análise será avaliar as marcas da heterogeneidade no discurso acadêmico. Procuraremos mostrar que no discurso acadêmico, visto como objetivo e impessoal, as próprias normas ditadas pela Academia abrem espaço para o aparecimento do sujeito.

### 2.1 Modalizadores de autoridade

Nesta busca pela total isenção do sujeito, a Academia sugere formas do bem dizer que, ao seu ver, direcionam o discurso para a objetividade. Encontramos, então, os modalizadores de autoridade como uma das formas que mais tiram a responsabilidade do sujeito sob seu discurso justamente por isentá-lo de uma presença mais explícita.

Sem argumentos pautados na sua trajetória pessoal, o sujeito deixa de nomear-se

no “eu” para escolher outros recursos argumentativos, nesse caso, os modalizadores de autoridade que, mesmo atenuando sua presença, não escondem a heterogeneidade do discurso.

Como exemplo dessa suposta linguagem objetiva, podemos observar os seguintes trechos nomeados como exemplos 1, 2 e 3:

1. Primeiramente, é importante questionar o papel da televisão na sociedade brasileira.

2. É preciso observar ainda, que o contexto pode ser ampliado pela soma de suposições usadas ou derivadas em processos (...)

3. Para isso, é importante saber não só os tipos de programas e os assuntos que lhes chamam a atenção (...)

Nos exemplos 1, 2 e 3, o sujeito vela-se num modalizador de autoridade, deixando a impressão de que não é ele que acha que “é necessário representar”, mas sim, que a representação é por si só necessária. É a autoridade do sujeito que se evidencia através de um modalizador sem necessariamente o seu aparecimento. Nesse caso, o sujeito utiliza-se dos recursos disponibilizados pela língua para persuadir a Academia a aceitar seu discurso.

Conforme Taschetto (2002), no discurso acadêmico, a linguagem não deve ser de autoridade, para quem ainda não está nela investido, nem autoritária. Desta forma, o uso de modalizadores de autoridade possibilita ao sujeito usar a própria convenção como estratégia de argumentação.

### 2.2 O discurso citado

Outra maneira de o sujeito fazer-se aparecer no discurso acadêmico e evidenciar seu caráter dialógico e heterogêneo é a maneira com que ele, o sujeito, chama outras vozes já institucionalizadas para dar crédito ao seu trabalho.

Se pensarmos com Bakhtin que a linguagem é intrinsecamente dialógica, o discurso científico também pode ser caracterizado como heterogêneo, uma vez que

o sujeito enunciador chama outras vozes sociais para constituir o seu próprio discurso. Desta forma, o sujeito que busca sua aceitação pela Academia utiliza discursos já reconhecidos por ela, construindo, assim, uma relação discursiva com o parceiro, que se alterna na enunciação ora como discurso direto, ora como discurso indireto, ou ainda como discurso indireto livre.

Como exemplo desse caráter dialógico do discurso acadêmico, podemos citar os trechos aqui denominados 4 e 5:

4. Conforme S&W, “os estímulos ostensivos devem satisfazer duas condições: (i) devem atrair a atenção da audiência e (ii) devem estar focalizadas nas intenções do comunicador”.

5. Portanto, o alargamento da metáfora da interpelação, a tese principal de Pêcheux é a de que a “interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se realiza pela identificação do sujeito com a formação discursiva que o domina (...)”.

Numa tentativa de inserção, os sujeitos dos exemplos 4 e 5 recorrem a voz do outro. De acordo com Bakhtin (2002: 148), “o discurso citado e o contexto de transmissão são somente os termos de uma inter-relação dinâmica”. Então, por mais que o sujeito queira alienar-se de seu discurso, a própria voz do outro o revela, numa relação dialógica e subjetiva. A voz do outro assume o ‘papel principal’ do discurso e tornando-se mais forte e mais ativo que a do próprio autor. No entanto, conserva-se sempre, evidentemente, os direitos de propriedade da palavra e a autenticidade do discurso de outrem.

Ao definir pontualmente as fronteiras de seu discurso e do discurso do *outro*, o sujeito posiciona-se hierarquicamente abaixo dos autores citados. O sujeito utiliza-se das vozes já reconhecidas para solicitar sua entrada à Academia.

Segundo Bakhtin, a citação está relacionada ao grau hierárquico da voz do outro com relação ao discurso do sujeito. Assim, quanto mais elevado o discurso de outrem, mais claras e definidas serão as fronteiras e menos acessíveis “à penetração por tendências exteriores de réplicas e comentários” (Bakhtin,

2002: 153).

Assim, os sujeitos dos exemplos 4 e 5 procuram se esconder, recorrendo a voz do outro para dar credibilidade e autoridade ao trabalho, isentando-se da responsabilidade da enunciação de suas palavras. Dessa maneira, “o sujeito atenua sua presença agindo de acordo com a norma que rege o discurso acadêmico, isto é, privilegiar uma linguagem objetiva de afastamento ou isenção do objeto de estudo” (Taschetto, 2002: 109).

6. Bacon conceitua signo como aquilo que designa alguma coisa ao intelecto em decorrência de ser oferecido seja aos seus sentidos seja ao próprio intelecto, desfazendo com isso qualquer pretensão materialista (...)

7. Em Saussure, o signo é imaginável como tal apenas nas instâncias em que seu emprego é consciente e intencional para fins comunicativos num universo cultural dado.

8. Segundo Melchior, a avaliação da aprendizagem é importante para o aluno na medida em que ele pode tomar conhecimento das suas capacidades para futuras aprendizagens (...)

Nos exemplos 6, 7 e 8 o sujeito-enunciador transcreve as palavras do outro. Desta forma, as palavras do outro são proferidas – ou traduzidas – pelo eu-enunciador, por mais que elas sejam do ‘outro’. Isso marca uma certa relação de autoridade do sujeito, manipulando as palavras do outro a seu favor. Com isso, o sujeito enunciador dá mais autoridade a suas palavras por serem sustentadas pela voz do outro, supostamente mais conhecedora do assunto e reconhecida socialmente. Neste caso, percebemos um sujeito mais familiarizado com a linguagem da pesquisa e que já não está mais requisitando sua entrada para o meio acadêmico, e sim, já se considera membro da Academia com autoridade suficiente para se colocar ao lado de vozes reconhecidas no âmbito acadêmico.

Todos os autores seguiram as normas do discurso acadêmico, portanto, nos três últimos exemplos, percebemos maior autoridade no discurso do eu-enunciador pela forma como ele invoca a voz do outro. Ao alternar a sua própria voz com uma voz já reconhecida, o sujeito

evidencia a **polifonia** presente no discurso acadêmico. Para Ducrot, essa alternância de vozes é uma condição essencial para a polifonia.

## CONCLUSÃO

Concluimos, desta forma, que o discurso acadêmico é, sim, um discurso heterogêneo e polifônico. E que seu grau de subjetividade depende dos recursos lingüísticos que o sujeito escolhe para nomear-se, quebrando ou não as normas convencionadas.

Essa quebra ou não das normas dependerá do grau de aceitação do sujeito pela Academia, uma vez que, quanto mais ele pensar que já faz parte dela, mais subverterá as normas impostas, utilizando-se dos recursos lingüísticos que revelam o "eu". Ao contrário, enquanto ainda estiver requisitando sua entrada, mais ele usará de recursos que o velem num discurso aparentemente objetivo, para assim, tentar abdicar da inteira responsabilidade de suas palavras, chamando o tu-outro para co-responsabilizar-se.

Nas pesquisas que levaram a esse trabalho, foi constatado também que os artigos que são resultantes de monografias de conclusão de cursos de especialização ou mestrado recorrem à voz do outro para dar credibilidade e autoridade ao trabalho, isentando-se da responsabilidade da enunciação. Por outro lado, em artigos produzidos por membros já considerados da comunidade acadêmica, como mestres e doutores, foi constatado um número menor de ocorrências de uso da voz do outro. Isso demonstra que nesse caso os discursos produzidos por esses sujeitos são marcados por uma certa autoridade que manipula a palavra do outro em seu favor, sem precisar velar-se para autorizar seu discurso no círculo acadêmico.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Michail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.
- BENVENISTE, E. (1966). **Problemas de lingüística geral I**. 4. ed. Campinas: Pontes, 1995.
- CORACINI, M.J.F.R. **Um fazer persuasivo: o discurso subjetivo da ciência**. São Paulo: EDUC; Campinas: Pontes, 1991.

SANTOS, B. de S. (1989). **Introdução a uma ciência pós-moderna**. 4. ed. Porto: Afrontamento, 1995.

TASCHETTO, T.R. **A presença do sujeito no discurso acadêmico: uma análise em projetos de pesquisa**, 2002. Tese (Doutorado em Lingüística Aplicada) – Pontifícia Universidade Católica, Porto Alegre, 2002.

## NOTA

---

© Aluna do 8º sem. do Curso de Letras, UFSM, participante do *Projeto A presença do sujeito no discurso acadêmico*, com a colaboração da aluna do 8º sem. do Curso de Letras, UFSM, Luciele Basso Bueno e orientação da Prof.<sup>a</sup> Tania Regina Taschetto, Depto. De Letras Clássicas, Filologia e Lingüística e membro do Laboratório Corpus.